

## O Paradoxo

Dom Inefável—Parte 2

Mateus 1 e Lucas 2

### Introdução

Até agora em nossa série de estudos natalinos, estudamos algumas canções proféticas sobre a vinda do Messias, aquele que seria conhecido como Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Em nosso encontro anterior, analisamos o pedigree do Messias vindouro e destacamos a glória da graça de Deus ao incluir pecadores redimidos na linhagem de Jesus, algo que Deus continua fazendo ao inserir os que creem em Cristo na árvore genealógica de sua família: *Mas a todos quantos os receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus* (João 1.12). Até então, portanto, falamos da profecia e do pedigree. Hoje, quero chamar sua atenção para o Paradoxo.

O termo “paradoxo” significa, simplesmente, algo que parece criar uma contradição. Também pode se referir a algo contrário à opinião e aceitação populares.

O Cristianismo é cheio de paradoxos: estamos *no* mundo, mas não somos *do* mundo; buscamos melhorar nossa sociedade, mas sabemos que ela não durará; servimos com fé num Deus invisível, mas nossa fé é evidência de coisas que se não veem.

Todo ano no mês de dezembro, entramos numa

época marcada por materialismo puro, mas nada no Natal vale a pena à parte do presente de Deus por meio de uma moça pobre que deu à luz o Salvador numa estrebaria. Que narrativa de aparentes contradições!

E o que dizer da celebração do Natal em si; será que é uma contradição que devemos evitar? Ela contraria o que realmente cremos? Por acaso, a história dessa festa não está entrelaçada com descrença e idolatria?

Sem dúvidas. Os romanos decoravam seus templos e altares pagãos com ramos verdes e velas. O dia 25 de dezembro era a comemoração de um de seus principais deuses. Muitos dos materiais que as pessoas usam em sua decoração de Natal hoje eram utilizados pelos romanos em suas cerimônias pagãs em templos pagãos. Por volta do século quinto, elas essas decorações já tinham sido inseridas na celebração de Natal realizada pela igreja.

Os Puritanos tentaram erradicar a observância do Natal. Eles promulgaram uma lei na Inglaterra em 1644 determinando que o dia 25 de dezembro era um dia normal de trabalho. Na verdade, por um tempo foi proibido preparar sobremesas especiais no dia 25 de dezembro, o que simplesmente fez com que as pessoas preparassem toda comida na véspera de Natal. O próprio Parlamento Inglês se reuniu no

dia 25 de dezembro para mostrar seu desdém às celebrações do Natal.

O apóstolo Paulo tratou dessas questões básicas em Romanos 14.5–6:

***Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente. Quem distingue entre dia e dia para o Senhor o faz...***

Em outras palavras, nenhum dia é mais especial do que outro. Mas se você escolhe transformar um dia em algo especial—e aqui está a questão—use-o totalmente para a glória de Deus. Encha esse dia de significado redentor e evangelístico.

Assim como o reformador Martinho Lutero, o qual muitos creem ter sido o primeiro a sair com a ideia de colocar globos de luz em árvore de Natal para apontar para a Luz do Mundo. Ele pegou algo pagão e lhe deu propósito redentor.

Portanto, meu querido, o problema não está em se observar o Natal. A questão é *como e por que* o observamos.

E, a propósito, se você decide não observar alguma data ou celebração por causa de suas associações e até mesmo origens pagãs, é melhor você nem estudar história. Por exemplo, daqui alguns dias, mude o nome do primeiro mês do ano em seu calendário; nem pronuncie o nome “janeiro,” pois estará falando o nome do deus romano Janus, do qual derivamos a palavra “janeiro.” Ele era um deus com duas faces: uma olhava para o ano anterior e a outra para o ano seguinte—o ano novo. Escrever resoluções de ano novo tem origens pagãs.

Já que estamos falando dessas coisas, arranque o famoso símbolo do peixe de seu carro ou outra coisa qualquer. Esse símbolo já era usado muito

tempo antes de a igreja adaptá-lo com o objetivo de marcar lugares de culto secreto. Na verdade, o motivo por que ele deu certo foi exatamente porque era muito comum. Esse símbolo estava associado à deusa mãe que, de perfil, tinha a aparência de um peixe; de frente, representava o ventre da deusa. Na China, a deusa Kwan-yin era retratada segurando um peixe. No Egito, a deusa Ísis, também conhecida como “deusa mãe,” era chamada de “O Grande Peixe do Abismo.” Na Grécia, a deusa peixe, Afrodite Salacia, era adorada por seus seguidores. Na sexta-feira, eles comiam peixe em sua honra.

Francamente, vivemos mergulhados em paradoxos e a narrativa do Natal é mais um. Pense nisto: acima de tudo, o Natal é Deus vindo em carne na forma de um bebê recém-nascido. Que paradoxo—Deus-Homem! Nem Maria nem José entenderam completamente esse paradoxo; eles simplesmente obedeceram a Deus, mesmo que isso lhes trouxesse implicações indesejadas.

Imagine este paradoxo: uma virgem concebeu. Esses são dois termos mutuamente exclusivos! Vamos observar mais de perto esse paradoxo em particular que quase terminou a história do Natal antes mesmo que começasse.

Abra sua Bíblia em Mateus 1, onde encontramos a notícia incrível e até trágica. Pelo menos foi assim que um indivíduo a enxergou. Lemos em Mateus 1.18:

***Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo.***

Preste atenção especial na frase ***estando Maria, sua mãe, desposada com José***. Esse período era uma espécie de noivado judaico chamado *kiddushim* e representava a segunda de três partes

que compunham a cerimônia tradicional de um casamento judaico. O casal já tinha feito seus votos; estavam legalmente casados, apesar de a terceira parte—a festa e a consumação do casamento—ainda demorar mais um ano para acontecer.

Durante o período de noivado normal, o noivo geralmente construía um anexo à casa de seu pai, enquanto a noiva preparava seus aparatos—roupas, lençóis e outros itens necessários para o novo lar.

Precisamos sempre lembrar que o noivado judaico era um compromisso muito mais sólido e comprometedor do que o nosso noivado de hoje. Os noivos juravam que casariam. Segundo a lei judaica, esse relacionamento de noivado só poderia ser dissolvido por meio de um certificado de divórcio por escrito na presença de duas testemunhas.<sup>1</sup> Caso o noivo morresse antes da consumação do casamento, a noiva seria chamada de viúva virgem.<sup>2</sup> Portanto, José e Maria estão noivos, sob juramento para casar e se preparam para o casamento.

Note como Mateus esclarece um detalhe no verso 18 que Maria, *sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida*. Ou seja, antes de José e Maria consumarem o casamento, ela engravida. Essa é uma notícia devastadora. A conclusão que as pessoas tirarão é óbvia: José e Maria não conseguiram se segurar por mais um ano de noivado e consumaram seus votos antes mesmo da cerimônia.

Mas o que ocorre em seguida prova que eles não se apressaram. Ao invés de adiantarem a cerimônia como Davi e Bate-Seba fizeram no Antigo Testamento para encobrir a gravidez (e muitos fazem hoje), José decide continuar obedecendo à lei, o que prova que ele não foi o indivíduo que a engravidou. Veja o verso 19:

***Mas José, seu esposo*** [perceba que ele é chamado de esposo de Maria], ***sendo justo e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente.***

É fácil ignorar a surpresa de Maria ao ouvir da boca do anjo que ela conceberá sobrenaturalmente o Messias pelo agir do Espírito Santo, o qual fecundaria um de seus óvulos e geraria vida. Não conseguimos nem começar a entender isso. Mas é fácil negligenciar a surpresa de Maria e até esquecer da agonia imediata de José. Que tragédia confusa em seu coração; e que desgraça para o seu nome.

A lei do século primeiro lhe dava apenas uma opção: a fim de recuperar sua credibilidade, ele teria que expor a infidelidade de Maria e divorciá-la.<sup>3</sup> É importante saber também, conforme um estudioso do Novo Testamento destacou, que a sociedade judaica não permitia muita privacidade para um casal. Isso significa que, nesse casamento arranjado, José não conhecia Maria tão bem assim. Ele tinha pouco motivo para acreditar na palavra de que ela era inocente.<sup>4</sup> José se pergunta: “Quem ela é de fato?” Ele teria medo de se casar com ela agora, à luz do fato de ter arriscado seu futuro ao, evidentemente, se encontrar com outro homem voluntariamente.

Mesmo assim, José age em bondade para com Maria. Não desejando lhe trazer infâmia pública, decide divorciá-la e continuar a vida da melhor maneira possível. A última coisa que José, um homem justo, deseja fazer é continuar o noivado. Assim que a barriga começa a crescer, as pessoas pressuporão que ele é o pai e que, portanto, violou a lei e difamou o nome de Deus e seu noivado.

Por esse motivo, o anjo aparece em sonho a José trazendo uma mensagem no verso 20: ***José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito***

**Santo.** O anjo manda José continuar o noivado com Maria e se casar com ela, mais provavelmente realizando uma cerimônia pequena e privada, ao invés de uma pública que envolvia a vila inteira.

O fato é que o casal viverá o resto da vida sob a acusação de haver fornicado. Quando Jesus estava com seus 30 anos e engajado no ministério público, os líderes judeus o chamaram de **bastardo**, isto é, filho de imoralidade sexual (João 8.41). “Sabemos muito bem o que sua mãe fez... você não é Messias coisa nenhuma! É filho de uma mulher ímpia.”

Para José e Maria, o paradoxo do Natal criou a uma aparente contradição entre o que eram e o que foram acusados de ter feito. E, enquanto viverem, jamais reconquistarão de volta sua reputação aos olhos do mundo.

Fico me perguntando quantas pessoas que ouvem esta mensagem não querem seguir a Cristo Jesus por causa de sua reputação, daquilo que as outras pessoas podem acabar pensando de você. Aqui está a mensagem para José e Maria e para cada um de nós: não se preocupe com o que acontecerá com sua reputação, negócio ou futuro; entregue tudo a Cristo.

Algumas das palavras mais maravilhosas na biografia de José aparecem nos versos 24–25:

***Despertado José do sono, fez como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu sua mulher. Contudo, não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus.***

A encarnação de Deus apresentará uma contradição para ainda mais duas pessoas. O relato de Lucas nos informa o que aconteceu 9 meses depois da concepção. Lucas começa dizendo em Lucas 2.1:

***Naqueles dias, foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se.***

O recenseamento era imposto. O líder político quer se certificar de que não existe um indivíduo sequer escapando da cobrança (Algumas coisas nunca mudam, não é verdade?). O que é interessante é que Belém, que significa “casa do pão,” é a terra natal do rei Davi. Era ali que ele cuidava de suas ovelhas e onde cresceu e se tornou rei. Antes disso, foi ali onde ficavam os campos onde Boaz conheceu uma viúva chamada Rute, a qual se tornaria sua esposa. Agora, Deus arquiteta providencialmente que José e Maria façam algo que não se voluntariariam para fazer: viajar para Belém na época em que o bebê está para nascer. Eles não sabem que o profeta Miqueias profetizou séculos antes que o Messias nasceria em Belém (Miqueias 5.2). Portanto, essa atitude de César foi, na verdade, o agir de Deus. O Pão da Vida tem que nascer na Casa do Pão, o lugar de seus ancestrais reais.

Eu tenho um livro intitulado *Os Doze Césares* que leio com frequência para me familiarizar novamente com o mundo que não somente Jesus Cristo nasceu, mas no qual a igreja nasceu também. Nessa semana, consulte o capítulo sobre César Augusto.

A propósito, a palavra “César” é a mesma utilizada no passado para “Czar,” “Kaiser” e “Faraó.” Esse é um título político que significa “governante.” Entretanto, assim como os Faraós, os Césares criam que tinham ascendência divina, que eram filhos dos deuses.

Poucos anos antes do nascimento de Cristo, esse César em particular—Augusto—mandou que fabricassem moedas com a imagem de Júlio César em um lado com o título “deus” e com sua própria imagem do outro lado com o título “filho de deus.”

Ele fez isso para inculcar em seu império a ideia de que ele era parcialmente deus.

E mais ainda, quando César Augusto assumiu o poder, um cometa passou no céu durante 7 dias. Todos viram aquilo como um sinal de que a alma de Júlio César tinha sido recepcionada pelos deuses imortais. Imediatamente, César Augusto mandou fazer a imagem de uma estrela numa estátua recém-esculpida de Júlio César.<sup>5</sup> Assim, o que temos é um deus encarnado, testificado pelo aparecimento de uma estrela no céu e, agora, seu filho ascendendo ao trono do império.

Com esse pano de fundo, imagine a natureza afrontosa da declaração dos astrólogos persas—os magos do oriente. Eles chegam em Jerusalém dizendo que foram até lá porque viram uma estrela no céu que os conduzia ao Rei dos judeus. O evangelista Mateus relata em Mateus 2.1–3:

***Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém. E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo. Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém;***

Um rei confirmado pelo aparecimento de uma estrela no céu! Em outras palavras, esse recém-nascido é maior do que Herodes e, no mínimo, igual a César. Herodes ***alarmou-se*** e todo o Israel com ele.

Os magos eram sábios originários da Pérsia, atual Irã, e mestres que educavam os filhos da realeza e da nobreza. Também eram astrólogos que, séculos antes, se tornaram discípulos de seu líder sábio, um homem chamado Daniel. Agora, séculos depois, uma comitiva chega a Jerusalém vinda da

antiga Pérsia.

Nos séculos iniciais da igreja, a tradição dizia que foram 12 homens. Posteriormente, o número reduziu para 3, provavelmente porque as igrejas não tinham espaço no palco para 12 magos em suas peças de Natal!

De qualquer forma, essa foi uma caravana maravilhosa da antiga Pérsia, composta por homens sábios que criavam reis.

Herodes, então, fica alarmado. Afinal, ele era Herodes, o Grande, designado por seu pai como governante da Galileia, e seu pai designado pessoalmente como líder da região pelo próprio Júlio César. Herodes era o rei daquela região; ele era o rei dos judeus!

A essa altura em Mateus 2, Herodes já tem em torno de 70 anos de idade, é um assassino paranoico e cruel. Agora, ele acontece de estar com inveja de seu poder e trono. Como já mencionei em outro estudo, ele assassinou seus três filhos porque ameaçavam tomar seu trono.

Ele era o rei dos judeus. Agora, um bando de persas chega perguntando pelo rei dos judeus, declarando que esse menino recém-nascido em particular foi atestado pelo sinal cósmico do céu, sugerindo que estava associado aos deuses. A verdade é que ele não estava apenas associado aos deuses—ele era Deus em carne. Por isso, ***alarmou-se o rei Herodes***.

O verbo ***alarmou-se*** significa “agitar-se visivelmente.” Herodes pensa: “Alguém ameaça tomar o meu trono e ainda afronta indiretamente a linhagem divina de César.” Note, porém, que não somente Herodes, mas toda Jerusalém se alarma. O povo pensa: “Ele atrapalhará nossas vidas, mudará nosso sistema e até modificará nosso calendário.”

É interessante perceber que o mundo de hoje demonstra as mesmas três reações que o povo de Jerusalém exibiu em relação ao nascimento de Cristo.

1. A primeira reação foi ira.

Até hoje, nosso mundo permanece cheio de Herodes e Césares; ninguém tem o direito de afrontar sua soberania e opinião e de exigir lealdade. Eles não deixam ninguém reinar sobre suas vidas.

Diga a alguém que Jesus Cristo merece ser seu Senhor e Rei, Mestre e Governante, e observe como o indivíduo se alarmará. Esse é o motivo porque, na época de Natal, o nosso mundo fica satisfeito em deixa-lo na manjedoura—“Não o tire dali! Se o tirar, pendure-o logo na cruz e deixe-o lá.”

“Não atrapalhe minha vida, não exija submissão de minha parte e não me chame de pecador também! Fique ou na manjedoura ou na cruz. Também não suba ao Pai; não se assente no trono sobre o universo, cercado das hostes angelicais que cantam de sua santidade; não me ameace com um retorno para julgar os pecadores. Fique só na manjedoura mesmo. Mencionaremos seu nome ‘aqui e ali’ durante as celebrações de Natal; vamos até cantar algumas músicas de Natal. Mas, sem dúvida alguma, você ficará de fora da festa do Ano Novo! Vamos deixa-lo na manjedoura mesmo.”

2. A segunda reação é apatia.

Herodes convoca os líderes espirituais da nação de Israel e inquire sobre o local onde os sábios encontrarão o Messias; veja o verso 4:

*então, convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde o Cristo deveria nascer.*

Perceba que os teólogos não dizem: “Não sabemos onde o bebê nascerá... não sabemos do que aqueles malucos persas estão falando. Passaram muito tempo debaixo do sol e agora estão delirando.”

Como é trágico ver que esses homens não viajaram 7 km para conferir se, de fato, o Salvador tinha nascido. *Eles conheciam a profecia das Escrituras, mas perderam o nascimento do Messias.* E 33 anos depois, muitos deles se colocarão diante de Pilatos enquanto Jesus Cristo é condenado e declararão que recusam Jesus como Messias, gritando: “Não temos outro rei senão César!”

3. Além de ira e apatia, a terceira reação possível é adoração.

Esses magos persas viajaram centenas de quilômetros. Naquela época, precisaram de meses para fazer essa viagem, isso para não mencionar os meses de preparo para iniciar a jornada.

Quando chegam a Jerusalém, eles não procuram um estábulo, ficam de pé ao lado dos pastores e se ajoelham sobre o capim ao lado da manjedoura de Jesus. Lemos em Mateus 2.11:

***Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra.***

Os magos entraram na casa, muito provavelmente uma casa que José tinha feito ou alugado. O texto afirma que eles ***viram o menino***. Não se trata de um *brephos*, o grego para “bebê,” mas *paidion*, que significa “criança pequena.” Isso significa que, na época em que os magos chegaram, Jesus já tinha entre 1 e 2 anos de idade. E antes mesmo de esse menininho aprender a andar, os

magos caem com o rosto em terra e o adoram.

## **Conclusão**

- O nascimento de Cristo gerou escândalo que jamais cessaria.
- O nascimento de Cristo gerou sofrimento que jamais passaria—tanto para José e Maria, como para todos os que criam na Palavra de Deus depois deles, e a despeito do que isso significaria para suas vidas, riquezas e reputação.
- Mas o nascimento de Cristo produziu sinceridade em adoração genuína que continua até hoje, quando o reconhecemos como Senhor, Salvador e Soberano sobre todo o universo.

Talvez você esteja pensando: “Bom, eu sou como os magos. Não sou como Herodes ou como os líderes judeus... sou um dos magos persas.” Se sim, então, o que você fará com Jesus no dia 26 de dezembro ou 1º de janeiro? Você se submeterá ao seu governo, ao direito que possui de governar sua vida e coração? Será que isso o deixa alarmado? Ou você admitirá honestamente que não pensa muito em Cristo após o Natal?

Ira, apatia e adoração. Daquele dia até hoje, Jesus Cristo não o força a se submeter a ele, sofrer por ele e adorá-lo, mas ele o convida a fazer essas coisas. Ele o convida hoje não somente ao seu berço e à sua cruz, mas ao seu reino também. Ele é o Filho de Davi, o verdadeiro e eterno César, o Príncipe da Paz.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 22/12/2013

©Copyright 2013 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

---

<sup>1</sup> Grant R. Osborne: *Exegetical Commentary on the New Testament: Matthew* (Zondervan, 2010), p. 75.

<sup>2</sup> William Barclay, *The Gospel of Matthew: Volume 1* (Westminster Press, 1975), p. 23.

<sup>3</sup> Osborne, p. 76.

<sup>4</sup> Ibid.

<sup>5</sup> Michael Grant, *The Twelve Caesars* (Charles Scribner's Sons, 1975), p. 54.